

**A INDEXICALIDADE SOCIAL COMO BÚSSOLA EM NOVOS MAPAS  
SOCIOSSEMIÓTICOS: DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO DE L2  
EM CONTEXTOS DE IMIGRAÇÃO**

**SOCIAL INDEXICALITY AS A COMPASS ON NEW SOCIOSSEMIOTIC  
MAPS: L2 PHONOLOGICAL DEVELOPMENT IN IMMIGRATION  
CONTEXTS**

Felipe Flores Kupske (UFRGS)

[felipe.kupske@ufrgs.br](mailto:felipe.kupske@ufrgs.br)

<http://orcid.org/0000-0002-0616-612X>

Reiner Vinicius Perozzo (UFRGS)

[reiner.vinicius@ufrgs.br](mailto:reiner.vinicius@ufrgs.br)

<http://orcid.org/0000-0002-7778-9690>

**RESUMO:** *A propensão de ver a língua como uma construção que fornece pistas sociais tem grandes implicações tanto para a estrutura da sociedade quanto para os processos psicológicos humanos, incluindo o desenvolvimento de línguas nativas (L1) e não nativas (L2), bem como fenômenos de atrito. Nesse sentido, a indexicalidade social, por exemplo, demonstra desempenhar um papel crucial no desenvolvimento da fala em L2. Embora alguns ramos da linguística acolham a indexicalidade social em sua maquinaria e em suas previsões, a adição de variáveis sociais na área de Aquisição de Segunda Língua (ASL) pode ser vista como recente e limitada. Considerando que a ASL deva passar a incluir a indexicalidade social ao abordar o desenvolvimento de línguas, este artigo de pesquisa teórica tem como objetivo explorar e chamar a atenção para a relação entre o desenvolvimento fonético-fonológico em contextos de imigração e indexicalidade social, com foco especial na filiação ao contexto dominante. Para tanto, discute-se o papel da indexicalidade social no desenvolvimento bilíngue e defende-se a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC) como um paradigma frutífero para ancorar tal interface, uma vez que abarca em seu núcleo aspectos tanto cognitivos quanto sociais.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *desenvolvimento de L2; fonologia; indexicalidade social; imigração; TSDC.*

**ABSTRACT:** *The propensity to see language as a construction that provides social cues has great implications for both societal structure and human psychological processes, including native (L1) and non-native language (L2) development and attrition. In this regard, social indexicality, for instance, has been shown to play a crucial role in L2 speech development. Even though some branches of linguistics embrace social indexicality in their machinery and predictions, the addition of social variables in the area of Second Language Acquisition (SLA) might be seen as recent and limited. Considering that psycholinguistics should start including social indexicality when addressing language learning, this theoretical research article aims at exploring and drawing attention to the relationship between L2 phonetic-phonological development in immigration contexts and social indexicality. In order to do so, it discusses the role of social indexicality in bilingual development and advocates the Complex Dynamic Systems Theory (CDST) as a fruitful paradigm to anchor such an interface, since it includes both cognitive and social aspects in its core.*

**KEYWORDS:** *L2 development; phonology; social indexicality; immigration; CDST.*

### ***1 Introdução: mapas sociosemióticos da imigração***

Segundo Yilmaz (2013), populações de imigrantes estão em contínuo crescimento na sociedade contemporânea. Face às novas aberturas políticas, diversos países estão recebendo inúmeras comunidades advindas de diferentes contextos socioculturais. A imigração contemporânea tem, pois, levado a um aumento significativo no número de pessoas que precisam aprender uma nova língua para que se integrem em uma nova sociedade. Como consequência, alimenta uma nova vertente de investigação dentro da área de Aquisição da Linguagem, que focaliza o desenvolvimento linguístico a partir da imigração em países de segunda língua (L2) dominante como seu *locus* de análise (KUPSKE, 2016), base deste trabalho.

O desenvolvimento de L2 em contextos de imigração é influenciado por diversos fatores que vão além da interação entre o sistema fonológico de língua materna (L1) e as novas influências linguísticas da L2, como idade de aquisição, idade de imigração e a própria exposição à língua hospedeira. Todavia, trata-se de um processo complexo que envolve a apropriação de um grupo a novas categorias e variantes fônicas associadas a identidades socioculturais particulares do país hospedeiro. Por exemplo, ao adquirir novas categorias da L2, os indivíduos atribuem, mesmo que de forma inconsciente, sobretudo à luz de modelos fonológicos baseados no uso (BYBEE, 2001), significados sociais a essas escolhas linguísticas, visto que a maneira como utilizam a fala tem o potencial de projetar identidades sociais e

culturais particulares, construindo uma relação entre língua e filiação a grupos e falantes específicos.

A participação em grupos sociais e comunidades de fala é uma característica ubíqua da vida humana. Desde o século XIX, a antropologia tem se debruçado sobre a atividade de caracterizar o ser humano como tal a partir de seus hábitos, crenças, sistemas de parentesco, organizações políticas e, obviamente, de sua língua e modos de expressão (ERIKSEN, 2004; FERRARO; ANDREATTA, 2010; KOTTAK, 2011; MARCONI; PRESOTTO, 2022). Da mesma forma, a linguística e a psicologia, de maneira dilatada, têm se preocupado com a gênese e a materialidade linguística que alicerçam a tendência que falantes/ouvintes apresentam ao se organizar em grupos sociais e, conseqüentemente, em um sentido amplo, ao atuar socialmente de forma categorizável (KINZLER, 2021). No cenário em que nos encontramos, parece estar claro – pelo menos para esses domínios de investigação – que a fala subsidia e fornece informações de cunho social (PRESTON; NIEDZIELSKI, 2010; DRAGER, 2015). Desse modo, a língua passa a ser não apenas um meio de transmissão de significado verbal, mas também uma plataforma de indexação de informações sociais, como gênero, etnia, idade e perfil socioeconômico dos falantes (SILVERSTEIN, 1976; ECKERT, 2008).

Podemos dizer que a língua é um aglomerado multimodal e multidimensional de práticas linguísticas e semióticas que se entremeiam a fim de exibir identidades em interação (ECKERT; RICKFORD, 2001). Assim, em vez de atribuir significado social e linguístico de maneira correlacional por meio do mapeamento entre formas linguísticas e categorias sociais, como nas primeiras abordagens à variação e à mudança linguística, modelos mais recentes baseiam-se, implícita ou explicitamente, no conceito de indexicalidade – ou significado contextualmente situado (SILVERSTEIN, 1976, 2003). Contudo, ainda pouco se sabe como o processo de indexação milita no desenvolvimento de línguas não nativas.

A capacidade que a língua possui de transmitir significado social além do seu significado literal refere-se à indexicalidade social<sup>1</sup>. Em outras palavras, a indexicalidade social reúne variáveis presentes na fala (sotaque, dialeto, entonação, escolhas lexicais e outras características linguísticas) que carregam informações sociais sobre nossa identidade, origem, personalidade, status social, filiação a grupos, além de outras especificidades. Nesse sentido, o

---

<sup>1</sup> O termo indexicalidade social foi introduzido pela primeira vez pelo sociolinguista John Gumperz na década de 1980. Gumperz estava interessado em entender como a variação linguística era usada para criar e manter relações sociais, e argumentou que a linguagem era uma ferramenta poderosa para transmitir significados sociais, além do conteúdo literal. Segundo o pesquisador, a indexicalidade social era um aspecto crucial da variação linguística e poderia ser usada para revelar estruturas, relacionamentos e processos sociais.

conceito de indexicalidade social é imperativo para a compreensão de como o uso da linguagem está relacionado à identidade social e de como a língua é usada para criar e reforçar hierarquias sociais e relações de poder. Assim, a indexicalidade relacionada a uma determinada língua pode servir como uma bússola, ou atrator, para desenvolvimento e alterações da fala, tanto em L2 quanto em L1, durante a vida de um indivíduo. Lourido e Evans (2018), por exemplo, investigaram novos falantes de galego (neofalantes) que são criados com o espanhol (L1) e aprendem galego desde cedo em um ambiente bilíngue, mas que, na adolescência, decidem passar a usar o galego quase exclusivamente, por razões ideológicas de filiação à língua e à cultura galega. As autoras revelam que a mudança de dominância de língua, nesse caso por questões de indexação relacionadas ao galego, influencia tanto a produção quanto a percepção da fala em bilíngues que se tornaram novos falantes dessa língua. As características fonéticas das produções desses novos falantes diferem das dos bilíngues tradicionais, indicando que a transição de dominância linguística, por questões ideológicas, pode levar a alterações e a acomodações fonológicas específicas mesmo após a infância. Além disso, os novos falantes galegos demonstraram uma sensibilidade aumentada na percepção de sons específicos do galego quando comparados a falantes não filiados à cultura galega.

Fica evidente, portanto, que o fato de a língua atuar como um organismo marcador de pistas identitárias tem grandes implicações para as estruturas sociais, assim como para os processos psicológicos humanos (KINZLER, 2021), incluindo o desenvolvimento e o atrito linguístico de L1 e L2. A propósito disso, a indexicalidade social, por exemplo, tem mostrado desempenhar um papel crucial no desenvolvimento da fala em L2 (BOURDIEU, 1977; GUMPERZ, 1982; GEE, 1990). Outros ramos da linguística, como a aquisição de segunda língua (ASL) e a psicolinguística, devem, então, começar a vislumbrar a indexicalidade social ao abordar a aprendizagem de línguas, especialmente o desenvolvimento da fala em L2 (KUPSKE; PEROZZO, no prelo). À luz da indexicalidade, o significado social das formas linguísticas não se trata fundamentalmente de uma questão de categorias sociais, mas, sim, de movimentos interacionais finos e mais transitórios através dos quais os falantes/ouvintes assumem posições e criam alinhamentos (BULCHOLTS, 2009). A indexicalidade é particularmente importante na medida em que pode influenciar o andamento e a trajetória do desenvolvimento da L2, assim como seu resultado quanto à produção da fala (KUPSKE, 2017), desempenhando um papel crucial na aquisição fonológica.

A convergência fonológica para a L2 pode resultar em uma série de mudanças, desde a adoção de sons e padrões de fala da língua hospedeira até a modificação das características fonológicas na L1 dos imigrantes. Esse fenômeno pode ser observado em várias dimensões, como na simplificação de sistemas fonológicos de L1 para se adequarem à língua dominante, na assimilação de sons não nativos e, até mesmo, na criação de novos padrões fonológicos híbridos. O desenvolvimento de L2 (KUPSKE, 2017) e as alterações de L1 durante a imigração (KUPSKE; LIMA JR., 2022) não estão apenas relacionadas à exposição à L2, como destacado. A convergência fonológica na aquisição de L2 é impulsionada por uma série de fatores linguísticos, psicológicos e socioculturais. Além das linguísticas e psicológicas, variáveis socioculturais e a construção de identidades linguísticas também impactam de forma decisiva a convergência fonológica em contextos de imigração. Os imigrantes frequentemente se esforçam para estarem integrados às comunidades locais e para serem percebidos como pertencentes a essas comunidades. O desenvolvimento de um padrão de produção da fala na L2 e a convergência fonológica desempenham, então, um papel importante nesse processo de identificação e aceitação social. No entanto, os estudos que endereçam o desenvolvimento fonológico de L2 parecem relutantes, pelo menos no Brasil, em incluir a indexicalidade social em suas previsões, métodos e discussões (KUPSKE; PEROZZO, no prelo).

Na esteira dessas ponderações introdutórias, o processo de desenvolvimento fonológico em L2 em contextos de imigração pode ser entendido como a construção de novos mapas sociossemióticos. Esses mapas refletem as mudanças nas hierarquias sociais e nas relações entre as línguas em contato. Nesse sentido, a indexicalidade social atua como uma bússola que orienta os indivíduos nesse território, permitindo que eles negociem identidades e pertencas em meio a complexas interações bilíngues. Dessa forma, este artigo tem como objetivo explorar e chamar a atenção para a relação entre (i) o desenvolvimento fonológico de L2 em contextos de L2 dominante e (ii) as variáveis tradicionalmente designadas como “não linguísticas”, conferindo especial atenção à filiação ao contexto e à língua dominante. Ao defendermos que a agenda de pesquisa no âmbito do desenvolvimento de L2 em contextos de imigração deva considerar uma abordagem abrangente (capaz de integrar medidas perceptuais e acústicas, bem como sociais), buscamos, também, advogar a favor da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TDSC) como paradigma conciliatório para a investigação do fenômeno em pauta neste artigo.

## 2 Variáveis sociais e desenvolvimento da fala em L2

A maneira como falamos inevitavelmente reflete nossas identidades sociais e pertença a grupos. Via de regra, sociolinguistas têm investigado como propriedades linguísticas se espalham pelas populações e mudam ao longo do tempo e como diferentes grupos sociais contribuem para essas mudanças. No entanto, Ochs (1992), Silverstein (2003) e Eckert (2008) compartilham a ideia de que o significado social das diferenças no uso da língua não é determinado apenas pelos grupos aos quais os indivíduos pertencem. Em vez disso, é influenciado pelas atitudes dos falantes em relação a si mesmos e aos outros, bem como pelas normas e restrições sociais que ditam o uso apropriado de formas linguísticas específicas.

A título de ilustração, cabe ressaltar, por exemplo, que a tendência de as pessoas essencializarem certos grupos de falantes pode ter implicações significativas para aspectos referentes à confiança depositada nos indivíduos. Sabemos que esse sentimento representa um componente primordial das interações humanas e pode impactar a aquisição de informações, a manutenção de relações sociais e, inclusive, instituições sociais fundamentais, como sistemas jurídicos (KINZLER, 2021). Daí deriva o posicionamento de que os padrões fonológicos sejam emergentes e, ao levarmos em consideração a lógica da ação e a interação social como fontes das operações simbólicas (PEROZZO; KUPSKE, 2021), as representações fônicas devam englobar e/ou informar características de natureza interacional. Por conseguinte, a máxima de que os sistemas sonoros são construídos de fora para dentro e dependem de outros falantes deve ser trazida à baila (ALBANO, 2020). Nessa perspectiva, a produção da fala – juntamente com sua variação e mudança – está condicionada ao *feedback* externo, que orientaria a seleção, a desseleção e a implementação de determinados sons (ALBANO, 2020).

Bybee (2001) e Albano (2001, 2020) estabelecem que a fonologia é afetada e movida pela experiência e que o uso de formas e padrões, tanto na produção quanto na percepção, influencia seu armazenamento na memória. Para Albano (2020, p. 155), acomodar-se linguisticamente a uma comunidade é “escolher os membros dessa comunidade a quem emular e com quem se alinhar”. A acomodação exige e fomenta uma experiência cognitiva e social crescentes, que se correlaciona à integração (KUPSKE, 2017; KUPSKE; PEROZZO; ALVES, 2019). Seriam os padrões de convergência ligados à integração que levariam a um ajuste de fala mais acentuado, de forma que as diferenças entre os indivíduos fossem reduzidas (ALBANO, 2020).

A mudança linguística é um processo contínuo que ocorre não apenas através das gerações, mas também no nível individual (KUPSKE; PEROZZO; ALVES, 2019), tomando forma ao longo da vida ou, até mesmo, em um único momento (KINZLER, 2021). Como aponta Kinzler (2021), diversos estudos demonstram que as identidades sociais das pessoas, especialmente suas aspirações, são reveladas por meio da linguagem que empregam. Quando as circunstâncias sociais das pessoas mudam, a fala adapta-se para refletir seu novo ambiente e a nova dinâmica das relações. Resulta, portanto, que a forma como um indivíduo fala não é fixa, mas, sim, fluida.

Pesquisas têm indicado que esses fatores sociais afetam o uso de variáveis fônicas em uma língua (ECKERT, 2008; FOULKES; DOCHERTY, 2006) e que os falantes alteram propriedades fonético-fonológicas para mostrar pertencimento ou identificação com determinado grupo (EVANS; IVERSON, 2004, 2007). Por exemplo, Evans e Iverson (2007) investigaram a percepção e a produção da fala de indivíduos que se mudaram de uma pequena cidade no interior da Inglaterra para estudar na universidade, onde conheceram pessoas com diferentes sotaques e dialetos, principalmente os que apresentavam a variedade padrão. Muito embora os migrantes mantivessem certas características da variedade a que foram expostos desde o nascimento, eles modificaram a produção de outras para se adequar à sua nova paisagem sociosemiótica. Isso sugere que, mesmo com limites, os falantes podem ser capazes de mudar certos aspectos de sua produção oral em um estágio relativamente tardio da vida.

A maneira como os ouvintes usam pistas sociais para interpretar a fala também tem sido examinada nos últimos anos. Estudos têm demonstrado que os ouvintes usam informações sobre a identidade social de um falante para fazer inferências sobre suas atitudes, crenças e comportamentos (KUNDA, 1999; AMBADY; SKOWRONSKI, 2008; MILES *et al.* 2011; DUFOUR *et al.* 2014; GILEAD; LIBERMAN, 2018). Quanto à produção da fala, trabalhos recentes com aprendizes de L2 destacam a importância de aspectos identitários nesse mérito. Como exemplo, citamos um estudo realizado por Drummond (2012), cujos resultados revelaram que migrantes poloneses em Manchester eram menos propensos a produzir a variante local do morfema *-ing* se planejassem retornar à Polônia, e mais propensos a adotar a pronúncia da variante local se planejassem permanecer em Manchester.

Populações migrantes são especialmente interessantes para discutir fenômenos de atrito (KUPSKE; LIMA JR., 2022). De acordo com Schmid (2010), alguns migrantes não são identificados como diferentes de seus compatriotas monolíngues, enquanto outros sequer são

considerados membros originários da comunidade L1. Ainda assim, segundo Schmid (2010), o grau de impacto da L2 no uso da L1 por bilíngues varia drasticamente. A autora vale-se de dados de judeus alemães que fugiram da Alemanha durante o regime nazista, e chega à conclusão de que, embora as condições gerais de migração sejam muito semelhantes entre alguns imigrantes, foram atestadas grandes diferenças no uso da língua em termos de riqueza lexical, complexidade sintática, fluência, precisão e sotaque estrangeiro.

Especificamente no estudo mencionado, Schmid (2010) destaca que a identidade e a identificação com a L1 e sua cultura tiveram impacto expressivo nos processos de atrito. Por exemplo, os judeus alemães que emigraram da Alemanha entre 1933 e 1935 experienciaram menor atrito linguístico, sua fala era mais diversa em termos lexicais e mais complexa no quesito sintático, e foram considerados como tendo um baixo grau de sotaque estrangeiro em sua L1. Por outro lado, aqueles que deixaram a Alemanha após o início do massacre revelaram os maiores índices de atrito. Nessa perspectiva, Schmid (2002, 2010) destaca que as atitudes observadas nos falantes repercutem na maneira como a L2 é desenvolvida e como ela influenciará a L1. Como vimos, a variabilidade da fala em L1 e L2 é condicionada pelo contexto situacional, o qual é sensível a variáveis sociais e estilísticas das mais diversas naturezas (ALBANO, 2020).

Kupske (2016, 2017) explorou a correlação entre o tempo de residência ( $LOR^2$ ) em Londres e a produção de oclusivas inglesas não vozeadas em início de palavra por parte de dois grupos de bilíngues tardios oriundos do sul do Brasil: aqueles que tiveram uma motivação integrativa em relação à língua e à cultura anfitriãs, e aqueles que não tiveram. Os estudos concluíram que os valores do *Voice Onset Time*<sup>3</sup> (*VOT*) dos imigrantes para o inglês (L2) correlacionavam-se positivamente ao tempo de residência para aqueles que demonstravam estar filiados à L2 e ao seu contexto. Assim, o *VOT* em inglês, originalmente mais longo quando comparado ao *VOT* em português brasileiro (PB), aumentou com o passar do tempo em direção aos valores de L2 esperados para monolíngues do *Standard Southern British English*<sup>4</sup> (*SSBE*).

---

<sup>2</sup> *Length of residence*, em inglês.

<sup>3</sup> O termo refere-se à relação entre o início da vibração das pregas vocais e a abertura dos articuladores em consoantes oclusivas, para, posteriormente, a corrente de ar pulmonar ser liberada. Na literatura fonética (LISKER; ABRAMSON, 1964; KENT; READ, 1992; LADEFOGED, 2001; ASHBY; MAIDMENT, 2005), três parâmetros do *VOT* são descritos: i. *VOT* negativo, em que a vibração das pregas vocais inicia antes da liberação de uma oclusiva; ii. *VOT* zero, em que a vibração das pregas vocais é relativamente simultânea à liberação de uma oclusiva; e iii. *VOT* positivo, em que a vibração das pregas vocais inicia após a liberação de uma oclusiva.

<sup>4</sup> De acordo com Wells (1982) e Foulkes e Docherty (1999), o *SSBE* é a variedade que representa o inglês falado em Londres.



O mesmo não aconteceu com os imigrantes não integrados, embora com o mesmo tempo de residência no país de L2 dominante. Constata-se, pois, que o tempo de residência isoladamente é um índice impreciso para medir o desenvolvimento de L2 e/ou o atrito de L1. Visto que tanto falantes integrados quanto não integrados apresentavam os mesmos níveis de proficiência, os dados sugerem que o desenvolvimento fonológico flutua em direção ao padrão do país hospedeiro quando os imigrantes estão mais envolvidos socialmente com a língua dominante.

Em um estudo subsequente, Kupske e Lima Jr. (2022) investigaram a relação entre os padrões de filiação ao contexto e à língua-alvo e a adaptabilidade fonológica da L1 (ou, em outras palavras, o atrito linguístico). Os autores analisaram a produção do *VOT* presente no PB, originalmente curta (*short lag*), de imigrantes em um contexto em que a língua inglesa era dominante. Modelos de regressão linear bayesiana com efeitos mistos previram, com alta credibilidade, um aumento na duração do *VOT* do PB ao longo do tempo, com maior prolongamento no grupo daqueles falantes que se filiavam ao contexto de L2 dominante. Uma vez que os indivíduos assumem a linguagem como um valor basilar de sua participação em grupos sociais e culturais, novos caminhos de vida e novos contextos sociais podem influenciar a maneira como os indivíduos a utilizam, fazendo com que a produção e a percepção da fala em L1 e L2 se desloquem para novas direções. O fato de apenas imigrantes filiados terem sua L1 alterada por conta da L2 dominante é uma evidência robusta de que a mudança linguística pode ser vista como resultado da pertença e da integração a determinado grupo social (KINZLER, 2021).

De acordo com Schmidt, Linford e Fafulas (2022), fatores sociais como atitudes linguísticas, redes sociais, identidade e pressão dos pares são decisivos para a adoção de sons regionais na fala em L2, uma vez que essas unidades carregam significado indexado socialmente. Por exemplo, Ringer-Hilfinger (2012) relata que os aprendizes que estavam participando de um programa de intercâmbio em Madri, Espanha, mostravam-se mais propensos a usar a categoria [θ] do espanhol peninsular se tivessem tido contato em casa com falantes que empregavam essa variante do que aqueles aprendizes que não tiveram contato com essa mesma variante em casa. Da mesma forma, Trimble (2013) observa que aprendizes de espanhol (L2) estudando em Mérida, Venezuela, usavam padrões entoacionais na língua-alvo com o objetivo de soar como seus amigos venezuelanos.

O trabalho de Dufour *et al.* (2014) talvez seja o mais emblemático em relação ao tema. Conforme descrito por Perozzo (2021), a pesquisa buscou entender como falantes nativos de

Maurício (cuja L1 é o crioulo mauriciano e cuja L2 é o francês) percebiam o contraste [s]-[ʃ] presente no francês-padrão. A escolha desse contraste se justifica pelo fato de que tanto [s] quanto [ʃ] do francês padrão são articulados como [s] no dialeto crioulo em questão; logo, tanto a palavra “*sac*” ([sak] em francês-padrão, que significa “bolsa”) quanto a palavra “*chaque*” ([ʃak] em francês-padrão, que significa “cada”) são pronunciadas como [sak] no crioulo mauriciano. Metade dos participantes do estudo foi informada de que o locutor que gravou os estímulos era um homem, também de Maurício, mas fazia parte de uma camada social privilegiada e com formação acadêmica. Essa descrição geraria, nos ouvintes, expectativas de que ele fosse uma pessoa supostamente escolarizada e com perfil socioeconômico elevado – e por assim ser deveria potencialmente estabelecer distinções articulatórias nítidas entre [s] e [ʃ]. A outra metade dos participantes não recebeu nenhuma informação a esse respeito. Como resultado, possivelmente guiado pela imagem socialmente construída e superestimada do homem em questão, o grupo de participantes que tinha informações sobre o locutor atribuiu-lhe mais instâncias de [ʃ] do que o grupo de participantes que não conhecia sua identidade. Este é um caso bastante ilustrativo de como as impressões que temos das pessoas, juntamente com as variáveis sociais, permeiam a percepção que temos das variantes fônicas por elas utilizadas. No desenvolvimento da L2, há uma relação clara entre pronúncia e identidade: em última análise, os aprendizes podem vir a projetar um personagem-alvo na L2 ao qual eles possam se conformar. De acordo com Nagle (2022), o binômio pronúncia-identidade pode ser especialmente sensível para aprendizes “que variam em seu desejo de estarem assimilados linguisticamente e culturalmente à comunidade L2 local” (p. 272).

Nagle (2022) prevê que, além das questões de identidade na L2, variáveis socioafetivas têm sido associadas ao desenvolvimento da fala em L2. Um grupo de aprendizes japoneses de inglês (L2) foi investigado por Saito *et al.* (2017) em termos da conexão entre vários tipos de motivação (por exemplo, integração, orientação cultural, avanço profissional), orientação metacognitiva (por exemplo, gramática e vocabulário acurados e pronúncia nativa) e ganhos em compreensibilidade e grau de sotaque ao longo de um semestre. Os resultados demonstraram que os alunos que exibiram determinados perfis de motivação melhoraram significativamente sua compreensibilidade (mas não o grau de sotaque), pois estavam motivados a estudar inglês para fins de aprimoramento de sua carreira futura a longo prazo, sem ter qualquer predileção integrativa (comunidade de fala, por exemplo) ou instrumental (como local de trabalho). No que concerne à orientação para o aprendizado da língua, os participantes geralmente

priorizavam a compreensibilidade e os aspectos lexicais e gramaticais em detrimento de um alinhamento à pronúncia nativa.

Fishman, já em 1968, aponta que a convergência fonológica é um aspecto central da competência comunicativa de um indivíduo em um novo ambiente linguístico. Ao flutuarem em direção aos sons do novo ambiente, imigrantes, além de poderem se comunicar de forma mais eficaz, evitam, por exemplo, a estigmatização linguística na sociedade de acolhimento. Pardo (2006), na mesma perspectiva, explora como indivíduos ajustam seus padrões de fala durante a interação com outras pessoas e examina os mecanismos subjacentes a esse fenômeno. A autora sublinha a importância da indexicalidade social no desenvolvimento fonético-fonológico e destaca como esse processo é relevante para entender as complexas dinâmicas sociais e linguísticas que ocorrem em contextos de comunicação. Pardo (2006) argumenta que os ajustes fonéticos realizados durante a conversa são mais do que simples adaptações linguísticas; eles têm uma função social importante. Os ajustes fonéticos podem indexar traços de identidade, pertencimento a grupos sociais e até mesmo atitudes em relação ao interlocutor. Em contextos de imigração, esse fenômeno pode ser particularmente relevante, pois os aprendizes de L2 muitas vezes ajustam sua pronúncia para se integrarem e serem aceitos por falantes nativos. Pardo (2006) também destaca que convergência fonológica pode variar dependendo do contexto, do *status* social dos interlocutores e da dinâmica de poder envolvida na conversa. Dessa forma, como o *status* social atribuído ao interlocutor depende da valoração do falante – visto que pessoas diferentes podem atribuir valores diferentes a determinados grupos e índices sociais – a acomodação, então, é dependente da confluência ao falante ou ao contexto sociosemiótico em contextos de imigração.

Estudos como os apresentados ressaltam a complexidade da interação entre fatores individuais, sociais e linguísticos na produção e percepção da fala, e oferecem *insights* valiosos para a compreensão das dinâmicas que moldam a comunicação humana em ambientes multiculturalmente diversificados. Nesse sentido, na próxima seção, defendemos um paradigma capaz de dar conta tanto de variáveis linguísticas quanto das chamadas “variáveis não linguísticas”, a propósito da discussão que conduzimos neste artigo”.

### ***3 Novos rumos: a dinâmica como paradigma conciliador***

A área de aquisição da linguagem e a sociolinguística podem se relacionar, de várias maneiras, para lançar luz sobre o desenvolvimento das ciências da fala. Ao examinar a interação entre o processamento da linguagem e o contexto social, estudos em aquisição podem ajudar a revelar os processos cognitivos que fundamentam a percepção e a produção da fala, enquanto a sociolinguística pode fornecer informações sobre como o contexto social afeta o uso da linguagem. A combinação dessas perspectivas pode levar os pesquisadores a compreender melhor como os fatores cognitivos e sociais interagem para moldar o uso e a compreensão da linguagem.

A pesquisa em aquisição da linguagem ancorada no rol da psicolinguística engloba, tradicionalmente, falantes monolíngues, mas a área tem dedicado grande atenção a falantes bilíngues e multilíngues desde as últimas décadas. Assim, a sociolinguística pode ajudar a fornecer pistas sobre os fatores socioculturais que influenciam a aquisição e o uso da linguagem em comunidades multilíngues, enquanto a psicolinguística pode ajudar a desvendar os processos cognitivos subjacentes ao desenvolvimento de línguas guiado por variáveis sociais.

Na seção anterior, procuramos enfatizar a relação entre algumas propriedades da indexicalidade social que tendem a ser negligenciadas pelos estudos psicolinguísticos convencionais, como o foco na filiação ao contexto dominante e o desenvolvimento da percepção e da produção da fala em L2. Faz-se notório que esses fatores sejam fundamentais para qualquer análise abrangente que se volte para os processos psicológicos subjacentes à aprendizagem de L2, mas as maneiras pelas quais as variáveis sociais moldam a percepção e a produção da fala ainda estão longe de serem compreendidas. Daí o nosso chamado para a coadunação de abordagens psicológicas e socialmente orientadas para o estudo do desenvolvimento da fala em L2: a psicolinguística pode revelar os mecanismos cognitivos subjacentes ao conhecimento linguístico na medida em que a sociolinguística pode clarificar os fatores sociais que dão origem ao resultado linguístico da indexicalidade social.

Conforme dito anteriormente, e como os psicolinguistas brasileiros já devem ter percebido, a maioria dos estudos sobre o desenvolvimento da fala em L2 não visa a combinar cognição e indexicalidade social. Uma das razões para esse cenário é que, segundo Albano (2020, p. 14), “estamos tão imersos na ideia de que a significação é um fenômeno mental que ignoramos a possibilidade de que seja construída de fora para dentro”. Além disso, poucos

modelos teóricos conseguem ou propõem integrar os aspectos cognitivos e sociais da aprendizagem. Nesse sentido, defendemos a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC) como um arcabouço teórico capaz de combinar psicolinguística e sociolinguística, já que nesse enquadre as línguas emergem dos padrões inter-relacionados de experiência, interação social e mecanismos e processos cognitivos (BECKNER *et al.*, 2009).

No tocante ao desenvolvimento da fala em L2, os modelos baseados no uso, segundo Larsen-Freeman (2013), fornecem uma rota frutífera à TSDC. Esse paradigma sustenta a ideia de que os indivíduos desenvolvem as categorias fônicas engajando-se na comunicação orgânica por meio de processos interpessoais e cognitivos (SLOBIN, 1977; BYBEE, 2001). Para Beckner *et al.* (2009), o desenvolvimento linguístico trata-se, portanto, de uma análise complexa e probabilística de exemplares da língua disponíveis na ecologia da comunicação. A aprendizagem envolve, assim, a estimativa das normas de uma determinada comunidade de fala por meio de amostras derivadas das experiências percebidas pelo aparato cognitivo, bem como pela própria dinâmica da interação social.

De acordo com a TSDC, o desenvolvimento de línguas (nativas e não nativas) não é um processo linear com etapas claras, mas uma evolução dinâmica e não linear em que vários fatores interagem e se influenciam ao longo do tempo. Uma visão panorâmica da teoria (NICOLIS; PRIGOGINE, 1989; CHEN; BAK, 1991; LEWIN, 1993; HOLLAND, 1995, 2006; KAUFFMAN, 1995; CILLIERS, 1998; ADAMI, 2002; LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008) nos permite estabelecer que o desenvolvimento linguístico se refere a:

- Um processo emergente: a capacidade de usar o idioma emerge da interação de vários fatores ao longo do tempo. Esses fatores podem incluir as habilidades cognitivas do aprendiz, as interações sociais e as informações contextuais, e sua interação é o que dá origem ao desenvolvimento da linguagem.
- Um processo auto-organizado: o sistema linguístico do aprendiz não é predeterminado, mas se auto-organiza com base em sua interação com o ambiente. Isso significa que o sistema se adapta e se reorganiza ao longo do tempo à medida que o aprendiz recebe insumo e *feedback*.
- Um processo não linear: a aprendizagem de línguas não é um processo linear, que ocorre passo a passo, mas um processo dinâmico que envolve mudanças e adaptações constantes. Os aprendizes, muitas vezes, experimentam períodos de rápido progresso

seguidos por platôs ou períodos de regressão, que fazem parte da natureza complexa e não linear do processo de aprendizagem.

- Um processo com múltiplos fatores: como mencionamos, a aprendizagem de línguas é influenciada por uma série de fatores, incluindo as habilidades cognitivas do aprendiz, o contexto social, as restrições ambientais e a motivação. Esses fatores interagem de maneira complexa e seus níveis de importância são relativos, podendo variar ao longo do tempo.

Para destacar como as variáveis sociais, elementos que certamente podem ser projetados em seus correlatos no campo da psicolinguística, podem ser capturadas via TSDC, vale mencionar a influência do contexto social na dinâmica da interação verbal. Por exemplo, a presença de um determinado interlocutor pode afetar a forma como as pessoas falam e se expressam, e a resposta desse interlocutor pode, por sua vez, impactar os comportamentos, as ações e as estratégias mobilizadas na conversa. Nesse sentido, a única aparente estabilidade da fala – especialmente em escalas de tempo curtas – está associada à noção de estado atrator (KUPSKE; LIMA JR., 2022), que, para Newman (2009), é um valor ou resultado específico do qual um sistema se aproxima ao longo do tempo.

Como já apontado, uma vez que os indivíduos veem a linguagem como um componente fulcral da participação em grupos sociais e culturais (e isso também se aplica à L2), novos percursos de vida, novos interlocutores e contextos sociais podem criar outros estados de atração, fazendo com que a produção e a percepção da fala fltuem em suas direções. A indexicalidade social, do ponto de vista da TSDC, também orienta o desenvolvimento e a estabilidade da linguagem, já que desempenha um papel central no processo de acomodação linguística, ou seja, no processo de alinhamento a determinados interlocutores e grupos sociais. Os fatores sociais criam, portanto, contextos de atração que podem levar a ajustes fônicos na L2, sendo tão importantes quanto as variáveis “puramente” linguísticas e cognitivas, visto que são imprescindíveis para a percepção e a produção da fala.

Quando aplicada à análise linguística, a TSDC tem grande potencial para examinar com atenção as práticas linguísticas situadas em grupos sociais. Na verdade, a TSDC acaba por ser um mecanismo prolífico para entendermos como a linguagem é usada para construir identidades sociais e como as normas sociais afetam a forma como as pessoas se comunicam e as variantes que colocam em prática. Na mesma linha, devemos destacar as relações inerentes à mudança linguística em contextos sociais, que garantem a propagação da variação, da mudança e da

diversidade linguísticas a partir de propriedades sociais e culturais (KUPSKE; PEROZZO; ALVES, 2019).

Por fim, o próprio desenvolvimento da percepção e da produção da fala em L2 é um processo complexo e dinâmico que surge da interação de inúmeros fatores ao longo do tempo. Ao ponderar essa conexão necessária entre variáveis psicológicas e indexicais, devemos inevitavelmente aceitar que aquilo que pesquisas isoladas fizeram até agora corresponde apenas à ponta do *iceberg* que remonta à fala em L2.

#### ***4 Considerações finais***

O desenvolvimento fonológico de L2 em contextos de imigração é um campo de estudo interdisciplinar que envolve a interação entre linguística, psicolinguística, sociolinguística e antropologia linguística. A indexicalidade social emerge como um mecanismo essencial para entender como os falantes moldam suas identidades através da língua e como as mudanças linguísticas refletem transformações sociais mais amplas. O estudo desses processos contribui para uma compreensão mais profunda da complexidade que alicerça a fonologia de L2 em contextos de imigração e das dinâmicas interculturais que afloram nesse cenário.

A psicolinguística há muito se preocupa em entender a maneira pela qual o conhecimento linguístico é adquirido, usado e representado mentalmente. Nos últimos anos, os pesquisadores têm sido levados a reconhecer o papel que as variáveis sociais desempenham na formação desses processos. No contexto de desenvolvimento da fala em L2, como abordado neste artigo, as variáveis sociais são particularmente importantes, pois podem influenciar o ritmo e a trajetória da aprendizagem da L2. Segundo destacam Henrich *et al.* (2010), reconhecer toda a diversidade humana não significa abandonar a busca pela compreensão de sua natureza ou, no caso deste artigo, do desenvolvimento da fala em L2. Em vez disso, tal reconhecimento lança luz sobre uma exploração da natureza humana que é ainda mais complexa, interessante e significativa.

Conforme apontado por Mougeon, Rehner e Nadasdi (2004), tentar antecipar o resultado da percepção e da produção da fala em L2 a partir de um insumo variável é um desafio. Por exemplo, nem todas as identidades e/ou índices sociais atraem a mesma atenção nas práticas sociais, e o foco dedicado a determinados índices pode variar de acordo com a origem do falante e sua L1. As diferenças culturais podem afetar o desenvolvimento da fala em L2, pois

indivíduos de origens culturais distintas podem apresentar experiências linguísticas díspares, bem como contato com diferentes línguas e padrões psicossociais. Embora os bilíngues possam ser usuários competentes da L2, eles podem ainda não ser tão habilidosos na compreensão da paisagem sociosemiótica codificada através da nova língua. Para utilizar adequadamente a L2, os bilíngues devem estar cientes (i) das variantes e de suas frequências; (ii) dos fatores linguísticos e não linguísticos independentes que condicionam essas variantes; (iii) da ordenação de restrições específicas que incidem sobre esses fatores; e (iv) das posturas, atos, atividades e estilos que indexam gênero (MEYERHOFF; SCHLEEF, 2012). Ante essa tomada de consciência, contextos de imigração podem ser ecossistemas riquíssimos para a interpretação conjunta de formas linguísticas e aspectos culturais advindos de valores mobilizados via indexicalidade social.

Postulamos, para fins dessa interpretação integrada, que a psicolinguística muito tem a aprender e a se beneficiar da sociolinguística. Por conseguinte, este artigo de revisão não somente se apoia sobre o intuito de divulgar e chamar a atenção para a possível e essencial interface entre a psicolinguística e a sociolinguística no desenvolvimento da fala em L2, mas também promulga a imprescindível noção de que novas paisagens linguísticas e novos mapas sociosemióticos tenham como norte a bússola da indexicalidade social. Acreditamos que, trabalhando coletivamente, os pesquisadores podem descortinar os fatores cognitivos e sociais que moldam o uso e a compreensão da linguagem e desenvolver teorias mais detalhadas sobre como operam sistemas e subsistemas linguísticos culturalmente instanciados.

### ***Agradecimentos***

Felipe Flores Kupske agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por financiar o projeto de pesquisa (Processo n.º 432396/2018-7), ao qual este trabalho está vinculado.

### **REFERÊNCIAS**

ADAMI, Christoph. What is complexity? *Bioessays*, [s. l.], v. 24, n. 12, p. 1085-1094, 2002.

ALBANO, Eleonora. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 2001.

ALBANO, Eleonora. *O gesto audível: fonologia como pragmática*. São Paulo: Cortez, 2020.



- AMBADY, Nalini; SKOWRONSKI, John. *First impressions*. New York: Guilford Press, 2008.
- ASHBY, Michael; MAIDMENT, John. *Introducing phonetic science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BECKNER, Clay; BLYTHE, Richard; BYBEE, Joan; CHRISTIANSEN, Morten; CROFT, William; ELLIS, Nick; HOLLAND, John; KE, Jinyun; LARSEN-FREEMAN, Diane; SCHOENEMANN, Tom. Language is a complex adaptive system: Position paper. *Language Learning*, [s. l.], v. 59, p. 1–26, dez. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BULCHOLTS, Mary. From stance to style: Gender interaction and indexicality in Mexican immigrant youth slang. In: JAFFE, Alexandra (Ed.). *Stance: Sociolinguistic Perspectives*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p 146-170.
- BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CHEN, Kan; BAK, Per. Self-organized criticality. *Scientific American*, United States, v. 264, n. 1, p. 26-33, 1991.
- CILLIERS, Paul. *Complexity and postmodernism*. Londres: Routledge, 1998.
- DRAGER, Katie. *Linguistic variation, identity construction and cognition*. Berlin: Language Science Press, 2015.
- DRUMMOND, Rob. Aspects of identity in a second language: ING variation in the speech of Polish migrants living in Manchester, UK. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 24, n. 1, 2012.
- DUFOUR, Sophie; KRIEGEL, Sibylle; ALEESAIB, Muhsina; NGUYEN, Noël. The perception of the French /s/-/ʃ/ contrast in early Creole-French bilinguals. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 22, n. 5, p. 1-8, 2014.
- ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, v. 12, n. 4, p. 453–476, 2008.
- ECKERT, Penelope; RICKFORD, John. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- ERIKSEN, Thomas. *What is anthropology?* Londres: Pluto Press, 2004.
- EVANS, Bronwen; IVERSON, Paul. Vowel normalization for accent: An investigation of best exemplar locations in northern and southern British English sentences. *The Journal of the Acoustical Society of America*, Melville, v. 115, n. 1, p. 352–361, jan. 2004.
- Organon*, Porto Alegre, v. 38, n. 76, jul/dez. 2023.  
DOI: 10.22456/2238-8915.135064

EVANS, Bronwen; IVERSON, Paul. Plasticity in vowel perception and production: a study of accent change in young adults. *The Journal of the Acoustical Society of America*, Melville, v. 121, n. 1, p. 3814–26, 2007.

FERRARO, Gary; ANDREATTA, Susan. *Cultural anthropology: an applied perspective*. Belmont: Cengage Learning, 2010.

FISHMAN, Joshua. *Readings in the sociology of language*. Paris: Mouton, 1968.

FOULKES, Paul; DOCHERTY, Gerard. *Urban voices: accent studies in the British Isles*. Londres: Hodder Education, 1999.

FOULKES, Paul; DOCHERTY, Gerard. The social life of phonetics and phonology. *Journal of Phonetics*, Amsterdam, v. 34, p. 409–438, 2006.

GEE, James. *Social linguistics and literacies: Ideology in discourses*. Londres: Falmer Press, 1990.

GILEAD, Michael; LIBERMAN, Nira. Talker variability and perceived identity: Investigating the cognitive processes underlying person perception. *Journal of Memory and Language*, Amsterdam, v. 101, p. 42-60, 2018.

GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HENRICH, Joseph; HEINE, Steven; NORENZAYAN, Ara. Most people are not WEIRD. *Nature*, London, v. 466, n. 7302, p. 29–29, jul. 2010.

HOLLAND, John. *Hidden order: How adaption builds complexity*. New York: Perseus Books, 1995.

HOLLAND, John. Studying complex adaptive systems. *Journal of Systems Science and Complexity*, Switzerland, v. 19, n. 1, p. 1–8, 2006.

KAUFFMAN, Stuart. *At home in the universe: The search for laws of complexity*. Londres: Viking Press, 1995.

KENT, Ray; READ, Charles. *The acoustic analysis of speech*. Londres: Cengage Learning, 1992.

KINZLER, Katherine. Language as a social cue. *Annual Review of Psychology*, United States, v. 72, n. 1, p. 241–264, 2021.

KOTTAK, Conrad. *Anthropology: appreciating human diversity*. New York: McGraw Hill, 2011.

KUNDA, Ziva. *Social Cognition: Making sense of people*. Cambridge: MIT Press, 1999.

KUPSKE, Felipe F. *Imigração, Atrito e Complexidade: A produção das oclusivas surdas iniciais do inglês e do português por sul-brasileiros residentes em Londres*. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

KUPSKE, Felipe F. A complex approach on integrated late bilinguals' English VOT production: a study on South Brazilian immigrants in London. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 70, n. 3, p. 81-93, 2017.

KUPSKE, Felipe F.; PEROZZO, Reiner V.; ALVES, Ubiratã K. Sound change as a complex dynamic phenomenon and the blurriness of grammar stability. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 158-172, 2019.

KUPSKE, Felipe F.; LIMA JR., Ronaldo. Integração a contextos de L2 dominantes e adaptabilidade fonológica de L1: uma análise da produção das plosivas surdas do português brasileiro. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, p. 173-198, 2022.

KUPSKE, Felipe F.; PEROZZO, Reiner V. Social indexicality and L2 speech development: underexplored dynamic routes in psycholinguistics. *Letrônica*, Porto Alegre, no prelo.

LADEFOGED, Peter. *A Course in phonetics*. Boston: Heinle & Heinle, 2001.

LARSEN-FREEMAN, Diane.; CAMERON, Lynne. *Complex systems and applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LARSEN-FREEMAN, Diane. Complexity theory: a new way to think. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 363-373, 2013.

LEWIN, Roger. *Complexity: Life on the edge of chaos*. London: Phoenix, 1993.

LISKER, Leigh; ABRAMSON, Arthur. A cross-language study of voicing in initial stops: Acoustical measurements. *Word*, New York, v. 20, n. 3, p. 384-422, 1964.

LOURIDO, Gisela; EVANS, Bronwen. The effects of language dominance switch in bilinguals: Galician new speakers' speech production and perception. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 22, n. 3, p. 637-654, 2018.

MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zelia. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 2022.

MEYERHOFF, Miriam; SCHLEEF, Erick. Variation, contact and social indexicality in the acquisition of -ing by teenage migrants. *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, v. 16, n. 3, p. 398-416, 2012.

MILES, Lynden; LUMSDEN, Joanne; RICHARDSON, Michael; MACRAE, Neil. Do birds of a feather move together? Group membership and behavioural synchrony. *Experimental Brain Research*, Berlin, v. 211, p. 495-503, 2011.

MOUGEON, Raymond; REHNER, Ketherine; NADASDI, Terry. The learning of spoken French variation by immersion students from Toronto, Canada. *Journal of Sociolinguistics*, Hoboken, v. 8, n. 3, p. 408–432, 2004.

NAGLE, Charles. Individual difference factors for second language pronunciation. In: LI, Shaofeng; HIVER, Phil; PAPI, Mostafa. (Orgs.). *The Routledge handbook of second language acquisition and individual differences*. New York: Routledge, 2022, p. 269-281.

NEWMAN, Lenore. Human–environment interactions, complex systems approaches for dynamic sustainable development. In: MEYERS, Robert. (Ed.). *Encyclopedia of complexity and systems science*. New York: Springer, 2009. p. 4631-4643.

NICOLIS, Grégoire; PRIGOGINE, Ilya. *Exploring complexity*. New York: Freeman and Co. Publishing, 1989.

OCHS, Elinor. 1992. Indexing gender. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles (Eds.). *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p 335–358.

PARDO, Jennifer. On phonetic convergence during conversational interaction. *The Journal of the Acoustical Society of America*, Melville, v. 134, n. 5, p. 2382-2393, 2006.

PEROZZO, Reiner V. Percepção dos sons. In: KUPSKE, Felipe F.; ALVES, Ubiratã K.; LIMA JR., Ronaldo (Orgs.). *Investigando os sons de línguas não nativas: uma introdução*. Campinas: Abralín, 2021. v. 1. p. 69-98.

PEROZZO, Reiner V.; KUPSKE, Felipe F. Speech perception and production as constructs of action: implications for models of L2 development. *Revista X*, Curitiba, v. 16, n. 5, p. 1231-1257, 2021.

PRESTON, Dennis; NIEDZIELSKI, Nancy. *A reader in sociophonetics*. Londres: De Gruyter Mouton, 2010.

RINGER-HILFINGER, Kathryn. Learner acquisition of dialect variation in a study abroad context: The case of the Spanish [θ]. *Foreign Language Annals*, Hoboken, v. 45, n. 3, p. 1-17. 2012.

SAITO, Kazuya; DWAELE, Jean-Marc; HANZAWA, Keiko. A longitudinal investigation of the relationship between motivation and late second language speech learning in classroom settings. *Language and Speech*, Thousand Oaks, v. 60, n. 4, p. 614–632, 2017.

SCHMID, Monika. *First language attrition, use and maintenance: The case of German Jews in anglophone countries*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

SCHMID, Monika. Languages at play: The relevance of L1 attrition to the study of bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 13, n. 1, p. 1-7, 2010.

SCHMIDT, Lauren; LINFORD, Bret; FAFULAS, Stephen. Regional variation. *In*: GEESLIN, Kimberly. (Org.) *The Routledge handbook of second language acquisition and sociolinguistics*. Routledge: New York, 2022. p. 126-137.

SILVERSTEIN, Michael. Shifters, linguistic categories, and cultural description. *In*: BASSO, Keith; SELBY, Henry (Eds.). *Meaning in anthropology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976. p. 11-55.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, Amsterdam, v. 23, n. 1, p. 193-229, 2003.

SLOBIN, Dan. Language change in childhood and in history. *In*: MACNAMARA, John (Ed.). *Language learning and thought*. London: Academic Press, 1977. p. 185-214.

TRIMBLE, John. Perceiving intonational cues in a foreign language: Perception of sentence type in two dialects of Spanish. *In*: HOWE, Chad; BLACKWELL, Sarah; QUESADA, Margaret. (Orgs.). *Selected Proceedings of the 15th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2013. p. 78-92.

WELLS, John. C. *Accents of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

YILMAZ, Gülsen. *Bilingual language development among first generation Turkish immigrants in the Netherlands*. 2013. 180 f. Tese (Doutorado em Linguística). Groningen: Universidade de Groningen, 2013.

Artigo submetido em: 24 ago. 2023

Aceito para publicação em: 12 out. 2023

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.135064>